

Dalton Trevisan Imortal

Este texto apresenta algumas dimensões da imortalidade do escritor Dalton Trevisan, conhecido como “o vampiro de Curitiba”. Contista de estilo único, Dalton construiu uma trajetória muito consistente ao longo de mais de oitenta anos de atuação no cenário cultural brasileiro. Ironia, ferocidade, antitradicionalismo, opção pelo soturno e pelo periférico são algumas das características mais marcantes de sua produção artística.

AUTORA

Raquel Illescas Bueno
- Doutora, professora de literatura brasileira e teoria da literatura na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Dalton Jerson Trevisan nasceu no dia 14 de junho de 1925, em Curitiba, e faleceu na mesma cidade em 9 de dezembro de 2024, poucos meses antes de completar 100 anos de vida. Desde então, uma pergunta permanece sem resposta: será verdade que o vampiro preferido dos curitibanos está morto?

A dúvida se justifica, afinal é de conhecimento geral que os vampiros são imortais. Olhando por outro ângulo, pensemos em outra dimensão da imortalidade, relacionada à continuidade da obra, e não da pessoa física. Consideremos que nosso contista desde cedo adotou o nome artístico Dalton Trevisan, sem o “Jerson”. É essa persona de escritor que importa, pois seu percurso nas letras lhe garantiu a permanência que apenas os artistas de gênio alcançam. Isso teria acontecido mesmo se ele tivesse se aposentado precocemente, pois desde os anos 1960 foi considerado “o maior contista brasileiro vivo”. A verdade é que Dalton Trevisan permaneceu lúcido e ativo até o final de sua vida, revisando constantemente os escritos mais antigos e ampliando o conjunto da obra. Ele foi precoce apenas para começar; adolescente, já editava um jornal no colégio (“Tingui”). Dalton produziu uma obra literária que lhe garante essa outra imortalidade, resultante do reconhecimento quase unânime da qualidade de sua produção, inclusive em nível internacional.

Para tanto, não precisou – e nunca o quis – ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Mas, o que torna imortal a obra de alguém cuja aversão aos círculos literários jamais permitiria que concorresse a uma cadeira na ABL ou em qualquer outra academia? No conto “Em busca de Curitiba perdida” se lê: “Curitiba, não a da Academia Paranaense de Letras, com seus trezentos milhões de imortais”. Refletir sobre a origem do epíteto “o vampiro de Curitiba”, expressão que acompanhou o escritor desde a década de 1960, é já o início da tentativa de dimensionar as razões dessa outra imortalidade, conquistada com ótimos livros, e não com adulação ou amizades.

Dalton passou a ser identificado como “o vampiro de Curitiba” depois de publicar um livro com esse título, em 1964. A personagem do título, que protagoniza todos os contos desse livro, é chama-

do Nelsinho. Trata-se de um conquistador barato, de bigodinho, que desperta asco e desprezo ao assediar as “virgens cruéis, ó meninas mais lindas de Curitiba”. Vale dizer que Nelsinho é Nelsinho, e Dalton Trevisan é Dalton Trevisan. Dois vampiros num só, mas completamente diferentes. Nessa época, a imprensa já acompanhava, bastante contrariada, o homem de personalidade retraída que circulava pela cidade negando entrevistas e fotos, fugindo de quem o abordasse. Esse comportamento soava contraditório porque vinha de alguém que desde a adolescência se expunha publicando literatura em jornais e que tinha editado e dirigido um periódico cultural muito combativo, a revista Joaquim, editada de 1946 a 1948, no cenário imediatamente posterior ao final da II Guerra Mundial. Aos 21 anos, Dalton redigia e assinava colunas jornalísticas impactantes, nas quais vituperava contra os nomes mais representativos da cultura paranaense, como o poeta Emiliano Pernetá e o pintor Alfredo Andersen. Joaquim recebeu contribuições de Carlos Drummond de Andrade, Antonio Candido e Otto Maria Carpeaux, dentre outros nomes centrais da cultura literária daquele período, e fez circular poemas dos autores modernistas de primeira linha, como Manuel

Bandeira e Mário de Andrade. Isso aconteceu com mais de duas décadas de atraso em relação ao evento que marcou o advento do Modernismo no Brasil, a Semana de Arte Moderna de 1922. Coube a um curitibano nascido três anos depois da Semana divulgar em sua terra tendências artísticas menos convencionais, que incorporavam técnicas e visão de mundo conectadas à revolução instaurada pelas vanguardas europeias (futurismo, cubismo, expressionismo). Também em Joaquim iniciou-se a longeva parceria com Poty Lazzarotto (1924-1998), colaborador assíduo do periódico, cujas ilustrações de alta qualidade artística vieram a ser reconhecidas mais tarde. A dupla Dalton-Poty foi responsável pela introdução tardia, e em grande estilo, da estética modernista nas artes paranaenses.

Quando o apelido “vampiro de Curitiba” vingou, Dalton estava perto dos 40 anos, fase que naquela época era considerada “a idade da razão”, e já havia decidido que seus contos passariam a ser sua única forma de se manifestar. Os textos opinativos, ensaísticos foram radicalmente eliminados em prol da exclusividade das narrativas ficcionais breves. Na sequência, manteve



uma regularidade admirável – ele lançava livros novos praticamente todos os anos, e houve anos em que lançou mais de um. Principalmente entre as décadas de 1970 e 1990, os leitores eram brindados com mais e mais contos curtos, incisivos, mordentes. Segundo Augusto Massi, em prefácio para a coletânea *Antologia pessoal* (Record, 2023), a conta de chegada ultrapassa os 700 contos. Assim, consolidou-se seu lugar como “principal contista brasileiro vivo”, independentemente de alguma instituição. Desde sempre, Dalton Trevisan combateu tudo que, para existir, exigisse crivo institucional e pudesse significar adulação ou adesão a cartilhas ou partidos. Também recusava o patriotismo vago simbolizado por hinos e bandeiras. Sua adesão a Curitiba era mais soturna, perversa e... vital. Em vez de ser membro de alguma academia, Dalton preferiu vagar por uma Curitiba sem holofotes, noturna, periférica.

Demorou algumas décadas para que Dalton passasse a injetar doses discretas de autobiografia e de opinião crítica em seus contos. A crítica literária surgiu disfarçada em máximas do tipo: “Se Capitu não traiu Bentinho, Machado de Assis se chamou José de Alencar”. Uma frase curta lhe bastou para apresentar sua interpretação de Dom Casmurro – a de que Capitu só é grande personagem por ser capaz de cometer o adultério – e ao mesmo tempo espinafrear quem defendesse o contrário. Para Dalton, Dom Casmurro não é uma obra aberta e não há dúvidas sobre a traição conjugal. Eliminar do perfil de Capitu o adultério seria reduzir a força do potente realismo crítico de Machado, seu autor brasileiro predileto, e aproximá-lo indevidamente do romântico José de Alencar, cujo compromisso com o realismo social e psicológico era bem menor. Foi como se Dalton tivesse escrito: “Não romantizem a visão de mundo de Machado, o maior escritor brasileiro de todos os tempos, e o mais terrível!”.



A presença de textos de teor confessional, que contivessem alguma informação ironicamente autobiográfica, também foi tardia no percurso das publicações. Ainda que bastante enviesados, esses pingos de personalidade em meio a tantos enredos de crimes e da eterna guerra conjugal alheia, levaram ao delírio os leitores mais perspicazes. “Quem tem medo do vampiro?”, por exemplo, termina com a pergunta retórica: “Ó maldito galã de bigodinho e canino de ouro, por que não desafia os poderosos do dia: o banqueiro, o bispo, o senador, o general?” A ironia corrosiva de uma falsa autocrítica, que mistura Nelsinho e Dalton de forma provocativa, nos informa que desafiar diretamente os donos do poder não estava no rol de intenções do escritor. Sua potência crítica deriva de outras formas de enfrentamento do status quo, mais sutis, mas nem por isso menos venenosas.

Inventando novos enredos ou reescrevendo contos já publicados, Dalton montou



uma galeria de personagens impactantes, obcecados pela monotonia da vida curitibana, dos sábados chuvosos em que morrer de tédio parece ser a única opção. Nos lares da classe média baixa, incontáveis Joões e Marias se digladiam e muitas vezes o desfecho inclui o homicídio. Numa época em que o feminicídio ainda não era tipificado no Código Penal, foram muitas as Marias vitimadas. Mas não foi raro, tam-

bém, que a personagem feminina reagisse, fosse se recusando a se sentar ao lado do marido à mesa – “ Fui boa mulher, ainda que tenha nojo. Lavo tua roupa, deito na tua cama, cozinho tua sopa. Faço isso até morrer. Me peça o que quiser. Não que me sente a essa mesa com você e tua sopa mais negra.” (“A sopa”) – ou golpeando várias vezes a cabeça do agressor com uma acha de lenha, logo depois de, ferida com golpes de vassoura, entregar sua criança de colo à menina mais velha: “ – Morre, desgraçado. A força de mãe foi que me valeu”. (“Morre, desgraçado”)

Invariavelmente, o leitor de Dalton, embaldado pelo ritmo das frases ágeis, se sentirá tocado pelo drama humano. A isso se soma a perturbação causada pelo fato de que os narradores de terceira pessoa não se posicionam, não esclarecem de quem é a culpa pelo crescimento da violência. No universo ficcional do vampiro, não há inocência a não ser nas crianças e nos animais. Os seres humanos adultos são irmanados pela irracionalidade, pela paixão cega, pelos sentimentos mesquinhos: “E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero na salada – o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? As suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.” (“Apelo”).

Ferocidade e altas doses de um lirismo muito original caracterizam a voz predominante do vampiro Dalton Trevisan que, à sua maneira, amou profundamente Curitiba e sua gente. Ai de quem não convive com alguém capaz de aguar suas violetas, costurar suas meias furadas ou encontrar seu saca-rolhas! Ai da cidade que não tem um vampiro para chamar de seu! Ai de quem não conhece a obra do grande Dalton Trevisan!